

O FINAL LONGO DE MARCOS (16.9–20)

evidências textuais, testemunho patrístico e recepção canônica

Rodrigo Souza da Silva¹

Vitor Emanuel Correa de Mesquita²

Resumo: Os versículos de Marcos 16.9–20, conhecidos como final longo de Marcos, ocupam posição relevante no debate sobre a transmissão textual do segundo Evangelho. Este estudo examina a perícopes distinguindo quatro questões relacionadas, mas não idênticas: originalidade textual, autoria, antiguidade e circulação, e recepção canônica. A análise é organizada em quatro eixos: evidência manuscrita, testemunho patrístico, evidência interna e coerência teológica. Embora o trecho esteja ausente nos códices Vaticano e Sinaítico, ele é preservado na ampla maioria dos manuscritos gregos e possui antiga recepção eclesial. O testemunho de Irineu constitui evidência patrística explícita de sua circulação no século II, enquanto Papias, Justino e a tradição do Diatessaron oferecem indícios de força diferenciada. A análise interna mostra que as objeções de vocabulário, estilo e continuidade narrativa não são conclusivas, mas também não permitem estabelecer isoladamente a autoria marcana. A coerência teológica do trecho com o restante do Novo Testamento contribui para compreender sua recepção canônica, sem funcionar como prova de originalidade textual. Conclui-se que Marcos 16.9–20 é um testemunho muito antigo e amplamente recebido pela tradição cristã, embora a questão de sua presença na forma original do Evangelho permaneça debatida.

Palavras-chave: Final longo de Marcos; crítica textual; patrística; recepção canônica.

Abstract: The verses of Mark 16:9–20, known as the longer ending of Mark, occupy an important place in the debate on the textual transmission of the Second Gospel. This study examines the passage by distinguishing four related but non-identical questions: textual originality, authorship, antiquity and circulation, and canonical reception. The analysis is organized around four areas: manuscript evidence, patristic testimony, internal evidence, and theological coherence. Although the passage is absent from Codex Vaticanus and Codex Sinaiticus, it is preserved in the great majority of Greek manuscripts and has an ancient ecclesial reception. Irenaeus provides explicit second-century patristic evidence for its circulation, whereas Papias, Justin, and the Diatessaronic tradition offer evidence of different degrees of strength. Internal analysis indicates that objections based on vocabulary, style, and narrative continuity are not conclusive, while they likewise do not establish Markan authorship by themselves. The passage's theological coherence with the rest of the New Testament helps explain its canonical reception but does not constitute proof of textual originality. The study concludes that Mark 16:9–20 is a very early and widely received

¹ Graduado em Teologia – FABAT. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9322-9178>.

² Mestre e doutorado em andamento em Ciências da Religião pela UESP (Bolsa CAPES). Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT. Formado em Teologia e em Letras –Língua Portuguesa. E-mail: prof.vitoremanuel@gmail.com. Membro da Internacional Association for Coptic Studies (IACS –Institut für Ägyptologie und Koptologie). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9051-2432>.

witness within Christian tradition, while its presence in the Gospel's original form remains debated.

Keywords: Longer ending of Mark; textual criticism; patristics; canonical reception.

1 INTRODUÇÃO

Os doze versículos conhecidos como final longo de Marcos têm sido objeto de controvérsia quanto à sua presença na forma original do Evangelho e quanto ao modo como foram recebidos pela tradição cristã. Durante grande parte da história da Igreja, a passagem desfrutou de ampla recepção litúrgica e canônica, ainda que testemunhos antigos registrem formas do Evangelho que terminavam em 16.8. A partir do século XIX, com a valorização de testemunhos unciais antigos e o desenvolvimento da crítica textual moderna, o problema voltou a receber atenção sistemática.

Diante disso, este artigo investiga Marcos 16.9–20 à luz do debate contemporâneo, considerando evidência manuscrita, testemunho patrístico, vocabulário e estilo, continuidade narrativa e coerência teológica. Para evitar a sobreposição de categorias, o estudo distingue quatro planos: (a) originalidade textual, isto é, se a passagem integrava a forma inicial do Evangelho; (b) autoria, referente à possibilidade de redação pelo próprio evangelista; (c) antiguidade e circulação, relativas à presença do trecho em testemunhos antigos; e (d) recepção canônica, entendida como seu uso e reconhecimento na tradição eclesial. A bibliografia mobilizada inclui, entre outros, Metzger, Aland e Aland, Wallace, Elliott, Bock, Snapp Jr., Pickering, Burgon e Terry, além de fontes patrísticas e testemunhos manuscritos.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativo e comparativo. Os testemunhos não são tratados como votos equivalentes: quantidade, antiguidade, distribuição, relações textuais e natureza de cada evidência são consideradas conjuntamente. O artigo desenvolve quatro eixos — evidência manuscrita, testemunho patrístico, evidência interna e coerência teológica/recepção canônica — e procura explicitar tanto a força quanto os limites dos argumentos favoráveis e contrários ao final longo.

2 A EVIDÊNCIA MANUSCRITA

O ponto de partida para a discussão sobre a originalidade textual e a recepção do final longo de Marcos é a evidência manuscrita. Além da presença ou ausência dos versículos, é necessário considerar a data, a distribuição e a relação entre os testemunhos, bem como aspectos materiais dos códices. A tradição lecionária também é relevante, sobretudo para reconstruir a recepção e o uso litúrgico da perícope.

2.1 Objeções com base na evidência dos manuscritos gregos

Grande parte dos estudiosos que rejeitam a originalidade do final longo atribui peso especial à sua ausência em dois dos mais antigos códices gregos completos: o Códice Vaticano (B) e o Códice Sinaítico (ℵ), ambos do século IV (Aland; Aland, 1995, p. 72–73; Metzger, 1975, p. 122).

Aland e Aland (1995, p. 293) argumentam que o final curto e o final longo representam tradições distintas e que a recepção eclesiástica posterior favoreceu a forma mais extensa. Wallace (2008, p. 35), por sua vez, considera possível que a ausência de aparições pós-ressurreição em 16.8 tenha favorecido a produção ou adoção de encerramentos alternativos. Tais argumentos atribuem especial relevância à antiguidade dos testemunhos omissivos, mas não tornam irrelevante a ampla atestação posterior do trecho.³

Por fim, Wallace (2008, p. 25) cita a coluna em branco após 16.8 no Vaticano, frequentemente usada para defender que o escriba omitiu deliberadamente o final longo. Contudo, lembra que outros livros do códice também possuem espaços similares, sem relação com supostas omissões, reduzindo o peso desse argumento.

³ Além do “final curto” (Mc 16.8) e do “final longo” (Mc 16.9–20), alguns manuscritos preservam duas outras variantes: o chamado “final intermediário”, uma breve inserção entre os versículos 8 e 9, e o “final longo estendido”, cuja forma mais conhecida é o Logion de Freer, acrescentado entre 16.14 e 16.15. A crítica textual majoritária os considera acréscimos tardios, de circulação restrita e sem ligação segura com a forma inicial do texto marcano; por isso, este estudo se limita à análise do final longo tradicional. Cf. METZGER, 1975, p. 122–126; ALAND; ALAND, 1995, p. 292–295.

2.2 Predominância Manuscrita

Em resposta a essas objeções, observa-se que o final longo está presente na ampla maioria dos manuscritos gregos conhecidos que preservam o término de Marcos. Aland e Aland (1995, p. 292) reconhecem a predominância quantitativa do final longo, mas ressaltam que a crítica textual não trata manuscritos como votos independentes, devendo a quantidade ser ponderada juntamente com antiguidade, distribuição geográfica, afinidades textuais e relações genealógicas entre os testemunhos.

Snapp Jr. (2023, p. 13) estima que, entre aproximadamente 1.650 cópias gregas do Evangelho de Marcos, apenas um número muito reduzido termine em 16.8. Esse dado mostra a extensão da recepção manuscrita de Marcos 16.9–20, mas não elimina o peso dos testemunhos antigos que o omitem. Por isso, a predominância numérica é considerada aqui uma evidência importante de circulação e recepção, não uma prova autossuficiente de originalidade textual.

2.3 Análise Material dos Códices

No Códice Vaticano, Snapp Jr. (2023, p. 13) observa que o espaço entre Marcos e Lucas possui características distintas de outros espaços do manuscrito e propõe que ele possa refletir conhecimento de uma tradição textual mais extensa. Essa leitura é relevante, mas permanece interpretativa: a presença do espaço em branco, por si só, não permite demonstrar com segurança qual forma do final o escriba conhecia ou qual razão motivou sua disposição material.

Segundo Snapp Jr. (2023, p. 13), a lacuna após Marcos 16.8 poderia funcionar como um “espaço memorial”. O autor argumenta que a configuração material do códice admite a hipótese de que o copista conhecesse uma forma adicional do final. Neste estudo, essa proposta é tratada como indício codicológico possível, e não como demonstração de que o escriba tenha rejeitado deliberadamente Marcos 16.9–20.4

⁴ O autor utiliza a expressão “*memorial space*” (“espaço memorial”) para descrever a pequena lacuna deixada deliberadamente por alguns escribas no final do Evangelho de Marcos, especialmente em manuscritos que encerram o texto em 16:8. Esse espaço não é suficientemente grande para conter os doze versículos do Final Longo, mas é grande demais para ser mero acaso. Segundo Snapp, trata-se de uma estratégia escriturária que funciona como um marcador visual: um aviso ao leitor de que o manuscrito, embora termine em 16:8,

No Códice Sinaítico, as páginas finais de Marcos apresentam particularidades de produção e revisão, entre elas mudança na densidade gráfica e um sinal ornamental após 16.8 (Snapp Jr., 2023, p. 17). Esses elementos mostram que o encerramento do Evangelho recebeu tratamento material específico, mas a reconstrução das intenções do revisor exige cautela.

Gwynn (1883) e Salmon (1892), conforme apresentados por Snapp Jr. (2023, p. 185), interpretaram essas características como indício de que o revisor conhecia outras formas do final e preferiu encerrar o texto em 16.8. A hipótese é relevante para o debate, mas não deve ser convertida em certeza sobre a proveniência do códice ou sobre uma decisão editorial deliberada sem documentação adicional.

Assim, a análise material de B e N permite formular a possibilidade de que seus produtores conhecessem mais de uma forma do encerramento de Marcos. Ela não demonstra, contudo, de maneira conclusiva, “consciência e rejeição editorial” do final longo. A ausência dos versículos continua sendo evidência textual importante, a ser ponderada com a ampla atestação posterior, as versões antigas e os testemunhos patrísticos.

2.4 Testemunho Litúrgico

Além dos manuscritos contínuos, a tradição lecionária⁵ atesta o uso litúrgico de Marcos 16.9–20. Pickering (2023, p. 492) atribui especial importância a esse material por indicar que o trecho foi lido e transmitido em contexto eclesial. Esse tipo de testemunho é particularmente relevante para a história da recepção canônica, embora não estabeleça, isoladamente, a forma original do Evangelho.

Antes mesmo da padronização dos lecionários, os manuscritos eram adaptados para o uso litúrgico, apresentando marcas marginais, como o símbolo τέλος (“fim”), para indicar o encerramento de uma leitura (Pickering, 2023, p. 493). Alguns críticos modernos interpretam esses sinais, especialmente quando aparecem em Marcos 16:8, como indícios de dúvida quanto à autenticidade dos versículos seguintes. Contudo, o próprio Metzger (1975, p. 122), ao comentar o manuscrito MSS 2386, observa que tais sinais indicam o término de uma leitura e não do livro em si.

provavelmente estava incompleto ou carecia do encerramento conhecido da comunidade cristã. Cf. Snapp Jr. (2023, p. 13).

⁵ Coleções litúrgicas que eram utilizadas para a leitura pública das Escrituras nas reuniões cristãs.

Pickering (2023, p. 493), recorrendo ao princípio associado a Anton Baumstark⁶, propõe que leituras ligadas a festividades importantes tendem a preservar tradições litúrgicas antigas e interpreta a presença de Marcos 16.9–20 nesse contexto como indício de uso precoce. A inferência merece consideração, mas deve ser tratada como reconstrução histórica e não como prova direta de utilização da perícopes no século II.

Apesar de sua ausência em B e $\aleph$, o final longo apresenta ampla circulação em diferentes tradições textuais e forte recepção litúrgica nos séculos posteriores. A próxima etapa consiste em avaliar os testemunhos patrísticos, que podem fornecer evidência independente sobre a antiguidade da passagem.

3 A PATRÍSTICA

A evidência manuscrita combina ampla predominância quantitativa do final longo com omissões antigas de grande peso. Nesse contexto, o testemunho patrístico é especialmente relevante porque pode documentar a circulação da perícopes antes dos códices B e $\aleph$. Contudo, é necessário distinguir citação explícita, possível alusão, tradição paralela e reconstrução posterior.⁷

Passemos, então, à análise dos principais testemunhos patrísticos.

3.1 Papias de Hierápolis (c. 60–130 d.C.)

Papias não cita diretamente o final longo. Eusébio de Cesareia, contudo, preserva um relato atribuído ao autor sobre Justo Barsabás, que teria bebido veneno mortal sem sofrer dano:

Outro fato maravilhoso aconteceu com Justo, cognominado Barsabás, que, ainda que tivesse bebido um veneno mortal, nenhum dano sofreu pela graça do Senhor. Esse mesmo Justo é mencionado no livro de Atos, após a ressurreição, como um daqueles sobre quem, junto com Matias, os santos apóstolos oraram para preencher o número, lançando sortes, para substituir Judas, o traidor. (Eusébio de Cesareia, 1999, III, 39, p. 118).

⁶ Princípio formulado por Anton Baumstark, segundo o qual as leituras litúrgicas associadas às grandes festividades foram as primeiras a se consolidar na tradição cristã.

⁷ Esta análise patrística é seletiva e se concentra em testemunhos particularmente relevantes, Papias, Irineu, Justino, Taciano, bem como referências a Clemente, Orígenes, Eusébio e Jerônimo. Outros autores antigos também utilizam ou aludem a Marcos 16.9–20, como Tertuliano, Hipólito, Ambrósio, Agostinho, Gregório de Nissa e Crisóstomo, mas não são incluídos aqui por razões de economia e delimitação metodológica.

O episódio apresenta paralelo temático com Marcos 16.18, mas não permite demonstrar dependência literária. Por isso, deve ser classificado como evidência indireta de uma tradição semelhante à refletida no final longo, e não como prova de que Papias conhecesse a forma escrita de Marcos 16.9–20.

3.2 Irineu de Lião (c. 130–202 d.C.)

Irineu de Lião, em sua obra *Contra as Heresias* (c. 180 d.C.), cita explicitamente Marcos 16.19. Trata-se do testemunho patrístico mais claro e de maior peso para demonstrar que a forma longa do final de Marcos circulava no século II.:

Por isso, Marcos, companheiro e intérprete de Pedro, inicia assim a redação do Evangelho: “Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, conforme está escrito nos profetas [...]”. [...] E, no final do Evangelho, Marcos diz também: “Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus”. (Irineu de Lião, 1995, III.10.6, p. 132).

Em outro trecho da mesma obra, Irineu de Lião descreve sinais associados aos discípulos de Cristo, como expulsão de demônios e cura pela imposição das mãos.

Eis por que em seu nome os seus verdadeiros discípulos, depois de ter recebido dele a graça, agem para o bem dos outros homens, conforme o dom que cada um recebeu dele: alguns expulsam os demônios, com tanta certeza e verdade, que, muitas vezes, os que foram libertos destes espíritos maus creram e entraram na Igreja; outros têm o conhecimento do futuro, visões e oráculos proféticos; outros impõem as mãos sobre os doentes e lhes restituem a saúde; e como dissemos, também alguns mortos ressuscitaram e ficaram conosco por muitos anos. (Irineu de Lião, 1995, II.32.4, p. 111).

Esse segundo paralelo é menos específico do que a citação de Marcos 16.19, mas, considerado em conjunto, reforça a antiga familiaridade de Irineu com tradições presentes no final longo.

3.3 Justino Mártir (c. 100–165 d.C.)

Justino emprega, em sua *Primeira Apologia* (c. 160 d.C.), uma formulação que apresenta proximidade lexical com Marcos 16.20, particularmente pelo emprego do advérbio πανταχοῦ (“por toda parte”) e pela referência aos apóstolos que, tendo saído, pregaram:

Portanto, o que ele diz, “Enviar-te-á de Jerusalém o cetro de poder”, era anúncio antecipado da palavra poderosa que, saindo de Jerusalém, os apóstolos pregaram por toda parte e que nós, a despeito da morte decretada dos que ensinam ou absolutamente confessam o nome de Cristo, em todo lugar também a abraçamos e ensinamos. (Justino Mártir, 1995, *Apologia I*, 45, p. 34).

No texto grego, a expressão correspondente é “Ἱερουσαλὴμ οἱ ἀπόστολοι αὐτοῦ ἐξεληθόντες πανταχοῦ ἐκήρυξαν” (Scaife Viewer, [s.d.], *Apologia I*, 45). A coincidência do advérbio πανταχοῦ e da sequência verbal constitui um paralelo lexical relevante. Entretanto, como Justino não identifica o trecho como citação de Marcos, o testemunho deve ser classificado como possível alusão, e não como evidência explícita equivalente à de Irineu.

3.4 Taciano (c. 120–180 d.C.)

Taciano, discípulo de Justino, produziu o *Diatessaron* (c. 170 d.C.), antiga harmonia dos Evangelhos. O texto original não sobreviveu, e a reconstrução depende de testemunhas posteriores, entre elas o *Diatessaron* árabe e o *Códice Fuldensis*. Essas testemunhas preservam material correspondente a Marcos 16.9–20, o que é relevante para a história da recepção, embora a distância entre a obra original e seus testemunhos exija cautela metodológica (Snapp Jr., 2023, p. 80–81).

Além desses manuscritos, outro testemunho importante é o comentário de Efrém, o Sírio, ao *Diatessaron*. O comentário preserva uma formulação que combina elementos de Marcos 16.15 e Mateus 28.19:

Quando ele diz: “Ide por todo o mundo e batizai em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito”, ele não diz: “Em nome do Pai, e em nome do Filho, e em nome do Espírito”, para mostrar que eles são uma só natureza, pois nomeou

três pessoas em um só nome. (Éphrem de Nisibe, 1966, p. 340, tradução nossa).

Snapp Jr. (2023, p. 84) observa que, em outras tradições armênias do comentário de Efrém, também ocorre a expressão “Ide por todo o mundo e pregai o meu evangelho a toda criatura”, mostrando o uso de Marcos 16:15 no contexto do Diatessaron.

3.5 Eusébio (c. 260–339 d.C.) e Jerônimo (c. 347–420 d.C.)

Eusébio de Cesareia e Jerônimo são frequentemente citados como evidência de que algumas tradições textuais antigas terminavam Marcos em 16.8. Ao responder a Marino acerca da aparente dificuldade entre Mateus 28.1 e Marcos 16.9, Eusébio apresenta inicialmente a possibilidade de rejeitar a perícopes com base na evidência manuscrita:

A resposta a isso seria dupla. [...] Alguém que rejeite a própria passagem dirá que ela não se encontra em todas as cópias do Evangelho segundo Marcos: as cópias acuradas encerram o texto do relato de Marcos com as palavras do jovem que apareceu às mulheres e lhes disse: “Não temais; é Jesus, o Nazareno, que procurais [...]”, após o que acrescenta: “E, tendo ouvido isso, fugiram e nada disseram a ninguém, porque estavam com medo”. É aí que o texto termina, em quase todas as cópias do Evangelho segundo Marcos. O que vem em seguida, encontrado raramente em algumas cópias, mas não em todas, seria supérfluo [...]. (Eusébio de Cesareia, 2010, p. 97, tradução nossa).

Eusébio, contudo, apresenta também uma segunda possibilidade, segundo a qual alguém que hesitasse em rejeitar qualquer material transmitido no texto dos Evangelhos poderia considerar que havia “uma leitura dupla, como em muitas outras passagens, e que ambas deveriam ser aceitas” (Eusébio de Cesareia, 2010, p. 99, tradução nossa). O testemunho de Eusébio possui peso porque registra conhecimento explícito de cópias sem o final longo e mostra que a forma do encerramento permanecia discutida em determinados contextos (Wallace, 2008, p. 29).

Ao mesmo tempo, Jerônimo incluiu Marcos 16.9–20 na Vulgata. Esse fato demonstra a força da recepção eclesial da passagem, mas não resolve, por si só, a questão de sua originalidade textual. Assim, seu testemunho deve ser lido em duas direções: ele conhecia a

controvérsia textual e, ainda assim, transmitiu o final longo na versão latina (Wallace, 2008, p. 30).⁸

Pickering (2023, p. 494) interpreta a resposta de Eusébio a Marino como menos hostil ao final longo do que às vezes se afirma. Essa leitura é uma possibilidade interpretativa dentro do debate, mas não elimina o fato de que Eusébio conhecia cópias que terminavam em 16.8. O testemunho, portanto, deve ser apresentado em sua ambivalência, sem convertê-lo integralmente em evidência favorável ou contrária.

3.6 Clemente (c. 150–215 d.C.) e Orígenes (c. 185–253 d.C.)

Clemente de Alexandria e Orígenes são citados como testemunhos negativos por não mencionarem Marcos 16.9–20. Metzger (1975, p. 123) entende esse silêncio como indício de desconhecimento; Snapp Jr. (2023, p. 93–94) observa que ambos também deixam de citar extensas porções de Marcos. O argumento do silêncio, portanto, tem valor limitado: não demonstra rejeição, mas também não pode ser usado como evidência positiva de conhecimento da perícope.

O conjunto patrístico permite afirmar com segurança que o final longo circulava no século II, sobretudo por causa da citação explícita de Irineu. Outros testemunhos — Papias, Justino e a tradição do Diatessaron — possuem caráter indireto e devem ser graduados conforme sua força. Essa distinção fortalece a conclusão histórica sobre a antiguidade e a recepção da passagem sem transformar toda semelhança temática em prova de dependência literária ou autoria marcana.

Quadro 1 – Graduação dos principais testemunhos patrísticos.

Testemunho	Data aproximada	Tipo de evidência	Força no argumento
Irineu de Lião	c. 180 d.C.	Citação explícita de Mc 16.19	Forte

⁸ Segundo Wallace (2008, p. 31), por volta do ano 400 d.C., ocorreu um tumulto público em Trípoli quando a tradução de Jonas 4.6 feita por Jerônimo foi lida publicamente. Nela, Jerônimo empregou hedera (“hera”) em lugar da tradicional cucurbita (“cabaça”).

Justino Mártir	c. 160 d.C.	Possível alusão/paralelo lexical	Moderada
Papias de Hierápolis	início do séc. II	Tradição paralela a Mc 16.18	Indireta
Taciano / tradição do Diatessaron	c. 170 d.C.	Reconstrução por testemunhos posteriores	Indireta

Fonte: elaboração dos autores com base nos testemunhos discutidos nesta seção.

4 A EVIDÊNCIA INTERNA

A evidência interna é frequentemente considerada pelos críticos modernos o argumento mais forte contra a autenticidade de Marcos 16.9–20. As principais objeções concentram-se em três pontos: o vocabulário e o estilo, tidos como não marcanos; a suposta desconexão entre 16.8 e 16.9; e a tese moderna de que Marcos teria encerrado o Evangelho em ἐφοβοῦντο γάρ. Examinemos essas questões.

4.1 O vocabulário e o estilo de Marcos 16.9–20

Para os que rejeitam a autoria marcana do final longo, o vocabulário da perícope é uma das principais objeções. Alega-se que várias palavras de Marcos 16.9–20 não ocorrem em nenhuma outra parte do Evangelho, configurando hapax legomena⁹ (Marcus, 2009, p. 1145) dentro da obra e, portanto, incompatíveis com o estilo de Marcos.

Metzger (1975, p. 125) reforça essa crítica ao apontar nove termos exclusivos da perícope, além de algumas expressões únicas em todo o Novo Testamento, concluindo que essa concentração de vocabulário singular indicaria que o estilo do trecho não corresponde ao padrão de Marcos.

Em resposta, Snapp Jr. (2023, p. 301, tradução nossa) observa que “a constatação de que nove palavras e duas frases aparecem somente em Marcos 16:9–20 não é base suficiente para concluir que tais termos, ou a passagem em que ocorrem, não sejam marcanos”.

⁹ *Hapax legomena* é uma palavra que ocorre apenas uma vez em um determinado corpus literário.

Terry (2025) apresenta um conjunto de dezesseis palavras frequentemente apontadas como “não marcadas”; porém, oito delas possuem compostos amplamente atestados no Evangelho. πορεύομαι aparece só em 16.9–20, mas seus compostos são usados quase vinte vezes em Marcos. Terry destaca que Marcos 15.40–16.4 possui mais de vinte palavras únicas, superando o final longo.

Complementarmente, Terry (2025) apresenta um levantamento estatístico baseado em dados do Reader’s Lexicon of the New Testament, de Sakae Kubo¹⁰. A análise compara a densidade de vocabulário de ocorrência única em diferentes capítulos de Marcos e indica que 16.9–20 não apresenta concentração excepcional quando comparado a outros trechos do Evangelho. O levantamento é útil como evidência auxiliar, mas a contagem de hapax legomena não esgota a análise de autoria, que envolve também sintaxe, construções, partículas, padrões narrativos e outros aspectos estilísticos.

Diante desses dados, o argumento lexical não fornece base conclusiva para excluir a autoria marcana. Ao mesmo tempo, a compatibilidade estatística apontada por Terry não constitui prova positiva suficiente para estabelecê-la. Neste estudo, a evidência vocabular é tratada como um elemento de ponderação dentro de um conjunto mais amplo.

Quanto ao estilo, Burgon (1871, p. 174–177) argumenta que a avaliação de que o texto seria “abrupto” e reflexo de uma mão tardia depende de critérios que podem ser interpretados de modo diverso. Ele observa que Marcos apresenta variação vocabular e pode condensar eventos em determinados segmentos narrativos. Por se tratar de uma defesa do século XIX, seu argumento é utilizado aqui em diálogo com os estudos posteriores, e não como conclusão isolada.

Burgon (1871, p. 179) também chama atenção para a alternância entre τῆς μιᾶς σαββάτων (16.2) e πρώτη σαββάτου (16.9) e entende essa variação como compatível com a flexibilidade de linguagem do Evangelho. A observação mostra que diferenças fraseológicas não precisam ser interpretadas automaticamente como sinal de autoria distinta, embora permaneçam parte legítima da discussão estilística.

¹⁰ O *Reader’s Lexicon of the New Testament*, de Sakae Kubo, é um léxico auxiliar organizado por frequência, projetado para ajudar o leitor a identificar rapidamente o vocabulário menos comum do grego do Novo Testamento. Ele lista palavras raras capítulo a capítulo, indicando sua forma básica e ocorrências, o que o torna particularmente útil para estudos estatísticos de estilo e vocabulário.

4.2 A continuidade narrativa

Outra objeção interna sustenta que 16.9–20 não se conecta naturalmente com 16.1–8. Metzger (1975, p. 125) aponta quatro dificuldades: mudança de sujeito, suposto “esquecimento” das mulheres, reapresentação de Maria Madalena e o uso de ἀναστὰς δέ (e tendo se levantado). Terry (2025) demonstra, entretanto, que cada um desses elementos possui paralelos claros dentro de Marcos.

A mudança de sujeito e a omissão de personagens são recorrentes em transições narrativas (Mc 2.13; 6.45; 7.31; 8.1; 14.3). A reapresentação de personagens já conhecidos também é típica do evangelista (Mc 3.16–17; 6.16; 7.26). Quanto a ἀναστὰς δέ, trata-se de uma fórmula adequada ao início de uma nova seção, e, como argumenta Terry (2025), 16.9 realmente inicia um novo segmento narrativo, necessário para completar o anúncio da ressurreição de 16.1–8.

4.3 A terminação em ἐφοβοῦντο γάρ

Existe ainda o debate sobre se Marcos teria encerrado deliberadamente o Evangelho em 16.8, com ἐφοβοῦντο γάρ (“porque estavam com medo”). As posições permanecem divididas. J. K. Elliott (2008, p. 147) considera improvável um encerramento nessa forma, enquanto Wallace (2008, p. 38) admite que a terminação abrupta possa ter função narrativa. J. Lee Magness é citado no mesmo debate para demonstrar a existência de conclusões com γάρ na literatura greco-romana (apud Wallace, 2008, p. 38).

Snapp Jr. (2023, p. 295–298) contrapõe que o encerramento em 16.8 deixaria sem narração explícita algumas expectativas produzidas pelo próprio Evangelho e questiona a comparabilidade dos exemplos antigos de finais com γάρ. Esses argumentos mostram que a terminação em 16.8 pode ser discutida literariamente, mas não permitem declarar impossível que um autor antigo terminasse a obra de forma abrupta.

Diante dessas considerações, a evidência interna não fornece base conclusiva nem para excluir nem para estabelecer a autoria marcana do final longo. Seu valor é cumulativo e deve ser integrado à evidência externa. Passamos, portanto, à análise da coerência teológica e de sua relevância para a recepção canônica da passagem.

5 COERÊNCIA TEOLÓGICA E RECEPÇÃO CANÔNICA DO FINAL LONGO DE MARCOS

A análise de Marcos 16.9–20 mostra ampla coerência temática e teológica com o restante do Novo Testamento. Mesmo estudiosos que questionam sua originalidade reconhecem que o trecho não introduz um sistema doutrinário estranho ao cristianismo primitivo (Bock, 2008, p. 199). Essa constatação é importante para compreender sua recepção canônica e litúrgica, mas não deve ser utilizada como prova direta de autoria marcana: um texto pode ser teologicamente ortodoxo e antigo sem pertencer à primeira forma de uma obra.

5.1 Aparições do Cristo Ressurreto (Mc 16.9–14)

A narrativa do final longo de Marcos inicia-se com o relato da aparição do Cristo ressuscitado, conforme apresentado. Uma característica importante é que Maria Madalena é a primeira testemunha da ressurreição e anunciadora do ocorrido. A menção marcana à libertação dos sete demônios também é confirmada em Lucas 8.2, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Comparação entre Marcos 16.9-10 e Passagens Paralelas (continua).

Referência	Texto Grego	Tradução em Português
Marcos 16:9-10	Ἀναστὰς δὲ πρωτὴ πρώτῃ σαββάτου ἐφάνη πρώτον Μαρίᾳ τῇ Μαγδαληνῇ, παρ’ ἧς ἐκβεβλήκει ἑπτὰ δαιμόνια. ἐκείνη πορευθεῖσα ἀπήγγειλεν τοῖς μετ’ αὐτοῦ γενομένοις πενθοῦσιν καὶ κλαίουσιν·	Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios. E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam.
Mateus 28.1, 8	Ὅψε δὲ σαββάτων, τῇ ἐπιφωσκούσῃ εἰς μίαν σαββάτων ἦλθεν Μαριὰμ ἡ Μαγδαληνὴ καὶ ἡ ἄλλη Μαρία θεωρῆσαι τὸν τάφον. Καὶ ἀπελθοῦσαι ταχὺ ἀπὸ	No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas

	τοῦ μνημείου μετὰ φόβου καὶ χαρᾶς μεγάλης ἔδραμον ἀπαγγεῖλαι τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ.	de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.
Lucas 8.2	καὶ γυναῖκές τινες αἱ ἦσαν τεθεραπευμέναι ἀπὸ πνευμάτων πονηρῶν καὶ ἀσθενειῶν, Μαρία ἡ καλουμένη Μαγδαληνή, ἀφ' ἧς δαιμόνια ἑπτὰ ἐξεληλύθει,	e também algumas mulheres que havam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios;
Lucas 24.10	ἦσαν δὲ ἡ Μαγδαληνή Μαρία καὶ Ἰωάννα καὶ Μαρία ἡ Ἰακώβου καὶ αἱ λοιπαὶ σὺν αὐταῖς. ἔλεγον πρὸς τοὺς ἀποστόλους ταῦτα	Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos.
Lucas 24.10	ἦσαν δὲ ἡ Μαγδαληνή Μαρία καὶ Ἰωάννα καὶ Μαρία ἡ Ἰακώβου καὶ αἱ λοιπαὶ σὺν αὐταῖς. ἔλεγον πρὸς τοὺς ἀποστόλους ταῦτα	Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos.
João 20.1	Ἔρχεται Μαριὰμ ἡ Μαγδαληνή ἀγγέλουσα τοῖς μαθηταῖς ὅτι έώρακα τὸν κύριον, καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ.	Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas.

Fonte: elaboração dos autores com base em Nestle et al. (1979) e Bíblia (2010).

A incredulidade dos discípulos em Marcos 16.11–13, encontra paralelos em Lucas 24.11, João 20.25 e Mateus 28.17. Também a aparição a dois discípulos como em Lucas 24.13–35. Essas convergências demonstram compatibilidade com tradições pascais presentes em outros escritos do Novo Testamento, mas não estabelecem, por si mesmas, dependência literária nem autoria.

Tabela 2 - Comparação entre Marcos 16.11-13 e Passagens Paralelas (continua).

Referência	Texto Grego	Tradução em Português
Marcos 16:11-13	καὶ αὐτοὶ ἀκούσαντες ὅτι ζῇ καὶ ἐθεάθη ὑπ' αὐτῆς ἠπίστησαν. Μετὰ δὲ ταῦτα	Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não

	δυσὶν ἐξ αὐτῶν περιπατοῦσιν ἐφανερώθη ἐν ἑτέρᾳ μορφῇ πορευομένοις εἰς ἀγρόν· 13καὶ ἐκεῖνοι ἀπελθόντες ἀπήγγειλαν τοῖς λοιποῖς· οὐδὲ ἐκείνοις ἐπίστευσαν. "Υστερον [δὲ] ἀνακειμένοις αὐτοῖς τοῖς ἑνδεκα ἐφανερώθη καὶ ὠνείδισεν τὴν ἀπιστίαν αὐτῶν καὶ σκληροκαρδίαν ὅτι τοῖς θεασαμένοις αὐτὸν ἐγγεγερμένον οὐκ ἐπίστευσαν.	acreditaram. Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo. E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.
Lucas 24:11,13	καὶ ἐφάνησαν ἐνώπιον αὐτῶν ὥσει λῆρος τὰ ῥήματα ταῦτα, καὶ ἠπίστουν αὐταῖς. Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι εἰς κώμην ἀπέχουσαν σταδίους ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ, ἥ ὄνομα Ἑμμαοῦς	Tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas. Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios.
Mateus 28.17	καὶ ἰδόντες αὐτὸν προσεκύνησαν, οἱ δὲ ἐδίστασαν	E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.

Fonte: elaboração dos autores com base em Nestle et al. (1979) e Bíblia (2010).

5.2 A Grande Comissão (Mc 16.15–18)

A perícope apresenta a ordem missionária de pregar em todo o mundo (Mc 16.15–18), em paralelo com Mateus 28.19. Os sinais mencionados em Mc 16.17–18 também possuem correspondências temáticas em Atos e nas epístolas. Esses paralelos ajudam a explicar a integração do final longo à tradição cristã, mas admitem mais de uma leitura histórica: podem refletir tradições primitivas compartilhadas ou a composição de um encerramento a partir de tradições já conhecidas. Assim, a intertextualidade deve ser utilizada como evidência de coerência, não como prova automática de autoria.

Tabela 3 - Comparação entre Marcos 16.15-18 e Passagens Paralelas (continua).

Referência	Texto Grego	Tradução em Português
Marcos 16.15-18	καὶ εἶπεν αὐτοῖς· πορευθέντες εἰς τὸν κόσμον ἅπαντα κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον πάσῃ τῇ κτίσει. ὁ πιστεύσας καὶ βαπτισθεὶς σωθήσεται, ὁ δὲ ἀπιστήσας κατακριθήσεται. σημεῖα δὲ τοῖς πιστεύσασιν ταῦτα παρακολουθήσει· ἐν τῷ ὀνόματί μου δαιμόνια ἐκβαλοῦσιν, γλώσσαις λαλήσουσιν καιναῖς, [καὶ ἐν ταῖς χερσὶν] ὄφεις ἀροῦσιν...ἐπὶ ἄρρώστους χεῖρας ἐπιθήσουσιν καὶ καλῶς ἔξουσιν.	E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e,...se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.
Mateus 28:19	πορευθέντες οὖν μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος,	Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;
Atos 16:18 (expulsão de demônios)	τοῦτο δὲ ἐποίει ἐπὶ πολλὰς ἡμέρας. διαπονηθεὶς δὲ Παῦλος καὶ ἐπιστρέψας τῷ πνεύματι εἶπεν· παραγγέλλω σοι ἐν ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐξελθεῖν ἀπ' αὐτῆς· καὶ ἐξῆλθεν αὐτῇ τῇ ὥρᾳ	Isto se repetia por muitos dias. Então, Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu.
Atos 2:4 (novas línguas)	καὶ ἐπλήσθησαν πάντες πνεύματος ἁγίου καὶ ἤρξαντο λαλεῖν ἐτέραις γλώσσαις καθὼς τὸ πνεῦμα ἐδίδου ἀποφθέγγεσθαι αὐτοῖς	Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.
Atos 28:3,5 (proteção contra serpentes)	Συστρέψαντος δὲ τοῦ Παύλου φρυγάνων τι πλῆθος καὶ ἐπιθέντος ἐπὶ τὴν πυράν, ἔχιδνα ἀπὸ τῆς θερμῆς	Tendo Paulo ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor,

	ἐξελθοῦσα καθῆψεν τῆς χειρὸς prendeu-se-lhe à mão...Porém αὐτοῦ. ele, sacudindo o réptil no fogo, ὁ μὲν οὖν ἀποτινάζας τὸ θηρίον εἰς não sofreu mal nenhum; τὸ πῦρ ἔπαθεν οὐδὲν κακόν,
Atos 28:8 (cura pela imposição das mãos)	ἐγένετο δὲ τὸν πατέρα τοῦ Ποπλίου Aconteceu achar-se enfermo de πυρετοῖς καὶ δυσεντερίῳ disenteria, ardendo em febre, ο συνεχόμενον κατακεῖσθαι, πρὸς ὃν ὁ pai de Públio. Paulo foi visitá-lo, Παῦλος εἰσελθὼν καὶ προσευξάμενος e, orando, impôs-lhe as mãos, e ἐπιθεὶς τὰς χεῖρας αὐτῷ ἰάσατο αὐτόν o curou.
Fonte: elaboração dos autores com base em Nestle et al. (1979) e Bíblia (2010).	

5.3 Ascensão e exaltação (Mc 16.19)

A menção de Jesus sendo “recebido no céu” e “sentado à direita de Deus” em Marcos 16.19 apresenta clara afinidade com Lucas 24.51, Atos 1.9, Hebreus 8.1 e a tradição do Salmo 110.1. O paralelo reforça a coerência cristológica do trecho com o Novo Testamento e ajuda a compreender sua recepção, sem resolver a questão de sua origem literária.

Tabela 4 - Comparação entre Marcos 16.19 e Passagens Paralelas.

Referência	Texto Grego	Tradução em Português
Marcos 16:19	Ὁ μὲν οὖν κύριος Ἰησοῦς μετὰ τὸ λαλῆσαι αὐτοῖς ἀνελήμφθη εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐκάθισεν ἐκ δεξιῶν τοῦ θεοῦ.	De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus.
Lucas 24:51	καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εὐλογεῖν αὐτὸν αὐτοὺς διέστη ἀπ’ αὐτῶν καὶ ἀνεφέρετο εἰς τὸν οὐρανόν	Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu.
Atos 1:9	Καὶ ταῦτα εἰπὼν βλέπόντων αὐτῶν ἐπήρθη καὶ νεφέλῃ ὑπέλαβεν αὐτόν ἀπὸ τῶν	Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus

	<i>ὀφθαλμῶν αὐτῶν</i>	olhos.
Hebreus 8:1	<i>Κεφάλαιον δὲ ἐπὶ τοῖς λεγομένοις, τοιοῦτον ἔχομεν ἀρχιερέα, ὃς ἐκάθισεν ἐν δεξιᾷ τοῦ θρόνου τῆς μεγαλωσύνης ἐν τοῖς οὐρανοῖς</i>	Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,

Fonte: elaboração dos autores com base em Nestle et al. (1979) e Bíblia (2010).

5.4 A missão apostólica e a confirmação divina (Mc 16.20)

A síntese de Marcos 16.20 também apresenta afinidades com o padrão missionário de Atos e com Hebreus 2.4. A expressão *συνεργοῦντος* (“cooperando”) e a referência à confirmação da palavra por sinais integram um horizonte teológico conhecido no cristianismo primitivo. Novamente, a convergência é relevante para a coerência e recepção da passagem, mas não constitui critério independente de autoria.

Tabela 5 - Comparação entre Marcos 16.20 e Passagens Paralelas.

Referência	Texto Grego	Tradução em Português
Marcos 16:20	<i>ἐκεῖνοι δὲ ἐξελθόντες ἐκήρυξαν πανταχοῦ, τοῦ κυρίου συνεργοῦντος καὶ τὸν λόγον βεβαιοῦντος διὰ τῶν ἐπακολουθούντων σημείων.</i>	E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.
Atos 2:43	<i>ἐγίνετο δὲ πάση ψυχῇ φόβος, πολλὰ τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγίνετο.</i>	Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.
Hebreus 2:4	<i>συνεπιμαρτυροῦντος τοῦ θεοῦ σημείοις τε καὶ τέρασιν καὶ ποικίλαις δυνάμεσιν καὶ</i>	dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições

πνεύματος ἁγίου μερισμοῖς κατὰ	do Espírito Santo, segundo a sua
τὴν αὐτοῦ θέλησιν;	vontade.

Fonte: elaboração dos autores com base em Nestle et al. (1979) e Bíblia (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou Marcos 16.9–20 distinguindo originalidade textual, autoria, antiguidade/circulação e recepção canônica. A evidência manuscrita mostra um quadro complexo: B e $\aleph$, testemunhos antigos e importantes, encerram Marcos em 16.8, enquanto a ampla maioria dos manuscritos gregos posteriores preserva o final longo. A predominância numérica documenta extensa recepção, mas precisa ser ponderada com data, distribuição e relações textuais.

A evidência patrística demonstra que o final longo circulava muito cedo. Irineu oferece o testemunho explícito mais forte ao citar Marcos 16.19 no século II. Papias, Justino e a tradição do Diatessaron fornecem indícios relevantes, porém de natureza indireta e força desigual. O silêncio de Clemente e Orígenes, por sua vez, não prova nem rejeição nem conhecimento da perícope. A análise interna mostra que as objeções de vocabulário, estilo e continuidade narrativa não são conclusivas, mas também não estabelecem isoladamente a autoria marcana.

A coerência teológica de Marcos 16.9–20 com o restante do Novo Testamento contribui para compreender sua ampla recepção litúrgica e canônica, embora não constitua prova de originalidade textual. Em conjunto, as evidências permitem afirmar com segurança a grande antiguidade, a circulação ampla e a importância histórica do final longo na tradição cristã. A questão de sua presença na forma original do Evangelho permanece debatida e não pode ser resolvida por um único tipo de evidência. Assim, o estudo sustenta a legitimidade de Marcos 16.9–20 como texto de antiga e consolidada recepção canônica, ao mesmo tempo em que reconhece os limites históricos para atribuir-lhe, de maneira conclusiva, autoria marcana.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *The text of the New Testament: an introduction to the critical editions and to the theory and practice of modern textual criticism*. 2nd ed. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1995.

BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BOCK, Darrell L. The Ending of Mark: A Response to the Essays. In: BLACK, David Alan (ed.). *Perspectives on the Ending of Mark: Four Views*. Nashville: B&H Academic, 2008. p. 199–222.

BURGON, John. *The Last Twelve Verses of the Gospel According to S. Mark: Vindicated Against Recent Critical Objectors and Established*. Oxford; London: James Parker and Co., 1871.

ELLIOTT, J. Keith. The Last Twelve Verses of Mark: Original or Not? In: BLACK, David Alan (ed.). *Perspectives on the Ending of Mark: Four Views*. Nashville: B&H Academic, 2008. p. 138–167.

ÉPHREM DE NISIBE. *Commentaire de l'Évangile Concordant ou Diatessaron*. Ed. Louis Leloir. Paris: Les Éditions du Cerf, 1966.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Gospel problems and solutions: Quaestiones ad Stephanum et Marinum*. Tradução de David J. D. Miller et al. Edição de Roger Pearse. Ipswich: Chieftain Publishing, 2010.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. Tradução de Lourenço Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JUSTINO. *Justino de Roma: I e II apologias; diálogo com Trifão*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

MARCUS, Joel. *Mark 8–16: a new translation with introduction and commentary*. New Haven: Yale University Press, 2009. (The Anchor Yale Bible, v. 27A).

METZGER, Bruce M. *A textual commentary on the Greek New Testament: a companion volume to the United Bible Societies' Greek New Testament (third edition)*. Corrected ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1975.

NESTLE, Erwin et al. *Novum Testamentum Graece*. 26. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1979.

PICKERING, Wilbur N. *The Identity of the New Testament Text V*. 5. ed. [S. l.: s. n.], 2023.

SCAIFE VIEWER. *Apologia I*. Open Greek and Latin Perseus Digital Library. Disponível em: <https://scaife.perseus.org/reader/urn:cts:greekLit:tlg0645.tlg001.1st1K-grc1:45>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SNAPP JR., James Edward. *Authentic: The Case for Mark 16:9–20*. 4. ed. [S. l.]: Amazon Digital Services LLC - KDP, 2023.

TERRY, Bruce. *The Style of the Long Ending of Mark*. BruceTerry.com, 2025. Disponível em: <https://bterry.com/articles/mkendsty.htm>. Acesso em: 20 nov. 2025.

Rodrigo Souza da Silva e Vitor Emanuel Correa de Mesquita. O final longo de Marcos (16.9–20): evidências textuais, testemunho patrístico e recepção canônica

WALLACE, Daniel B. Mark 16:8 as the Conclusion to the Second Gospel. In: BLACK, David Alan (ed.). *Perspectives on the Ending of Mark: Four Views*. Nashville: B&H Academic, 2008. p. 13–73.